SAÚDE MENTAL

Desafios da Prevenção, Diagnóstico, Tratamento e Cuidado na Sociedade Moderna

Edição XXIX

Capítulo 12

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA IDENTIFICAÇÃO PRECOCE E NO ACOLHIMENTO DE ADOLESCENTES COM ANSIEDADE: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

KEILA CRISTINA BARBOSA DA SILVA CÂMARA[1]
FERNANDA EGGEA[1]
ANA PAULA RODRIGUES DOS SANTOS BESSA[2]

[1]*Discente - Centro Universitário Santa Cruz de Curitiba.*
[2]*Docente e Orientadora – Centro Universitário Santa Cruz de Curitiba.*

Palavras-Chave: *Ansiedade; Adolescente; Enfermagem; Acolhimento em Saúde.*

DOI: 10.59290/2619004011

EDITORA PASTEUR

INTRODUÇÃO

A adolescência, conforme definição da Organização Mundial da Saúde, compreende o período dos 10 aos 19 anos, 11 meses e 29 dias, caracterizando-se por intensas transformações biopsicossociais que aumentam a vulnerabilidade ao sofrimento psíquico. Nesse contexto, estima-se que 4,1% dos adolescentes entre 10 e 14 anos e 5,3% daqueles entre 15 e 19 anos apresentam algum transtorno de ansiedade, evidenciando a expressiva magnitude desse agravo. Em nível global, aproximadamente um em cada sete adolescentes convivem com algum transtorno mental, o que corresponde a cerca de 15% da carga global de doenças nessa faixa etária, sendo a depressão, a ansiedade e os transtornos comportamentais as principais causas de adoecimento e incapacidade (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2022). No Brasil, essa realidade se reflete nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2019), que apontam elevadas prevalências de sentimentos de tristeza, preocupação excessiva, irritabilidade, sensação de desamparo e percepção negativa da própria saúde mental entre adolescentes de 13 a 17 anos, reforçando a relevância do tema como um importante problema de saúde pública.

A Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989) e o Pacto de San José da Costa Rica (OEA, 1969) reforçam o compromisso dos Estados com a promoção da saúde mental de crianças e adolescentes, assegurando-lhes o direito à integridade, à convivência familiar e ao desenvolvimento pleno.

Esses indicadores mostram-se mais frequentes entre adolescentes do sexo feminino, na faixa etária de 16 e 17 anos, matriculados em escolas públicas, revelando a influência de desigualdades estruturais de gênero e classe social sobre a saúde mental. Diante desse cenário, torna-se fundamental ampliar o debate e o investimento em políticas públicas voltadas à promoção, prevenção e cuidado em saúde mental de adolescentes no contexto escolar e comunitário (REME, 2022).

As transformações vivenciadas na adolescência, associadas às pressões sociais, familiares e escolares, podem aumentar a vulnerabilidade dos adolescentes aos problemas de saúde mental, especialmente aos transtornos de ansiedade (OPAS, 2022).

Relatórios internacionais apontam que fatores psicossociais e desigualdades estruturais ampliam esse risco, reforçando a necessidade de ações de cuidado mais acessíveis e integradas (OPAS/OMS, 2022).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, os transtornos de ansiedade estão entre os problemas de saúde mental mais prevalentes nessa faixa etária em nível mundial.

No contexto brasileiro, os dados epidemiológicos evidenciam a relevância do tema, de acordo com o Boletim 52 volume 33 Epidemiológico de Saúde Mental do Ministério da Saúde (2021), observa-se um crescimento significativo dos transtornos mentais entre crianças e adolescentes, com destaque para os quadros ansiosos.

Dados epidemiológicos indicam um aumento significativo das taxas de mortalidade por suicídio entre adolescentes de 10 a 19 anos, com crescimento aproximado de 81% no período de 2010 a 2019, o que evidencia uma tendência ascendente desse fenômeno na última década e reforça a urgência da implementação de estratégias de prevenção e identificação precoce. Esses achados ressaltam a necessidade de ações efetivas de saúde pública voltadas à promoção da saúde mental dos adolescentes (BRASIL, 2021).

Desse modo, considerando que o acolhimento constitui uma diretriz operacional das

unidades de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), reconhece-se seu papel essencial na qualificação das práticas de cuidado na atenção psicossocial, favorecendo uma assistência centrada na pessoa (SOUSA *et al.,* 2023).

Por meio da escuta qualificada, do acolhimento humanizado e da construção de vínculo, esse profissional contribui para o fortalecimento das redes de apoio familiar e comunitário, além de possibilitar o encaminhamento oportuno aos serviços especializados quando necessário (TEIXEIRA *et al*., 2020).

O enfermeiro é o profissional da saúde que atua em todos os dispositivos da rede e passa a ocupar um lugar de protagonismo na atenção em saúde mental ofertada à clientela adstrita. A Atenção Primária à Saúde configura-se como um espaço estratégico para o cuidado em saúde mental, por ser a principal porta de entrada do sistema de saúde e possibilitar o acompanhamento contínuo dos adolescentes e de suas famílias (SIMÃO *et al*.,2022).

A equipe de enfermagem, com destaque para o enfermeiro, ocupa posição estratégica na atenção à saúde mental, uma vez que seu contato contínuo com a comunidade possibilita a identificação precoce de sinais e sintomas de ansiedade (TEIXEIRA *et al*., 2020).

1.1 Objetivo Geral

Analisar por meio de uma revisão bibliográfica a atuação do enfermeiro na identificação precoce e no acolhimento de adolescentes com ansiedade.

1.2 Objetivos Específicos

Descrever os principais aspectos conceituais da ansiedade na adolescência

MÉTODO

Trata-se do método de revisão narrativa da literatura, cujo tema é a atuação da enfermagem no acolhimento de adolescentes com ansiedade. A revisão narrativa caracteriza-se por uma análise crítica e interpretativa da literatura existente, fundamentada em perspectivas teóricas e contextuais, embora não sistemática, a revisão seguiu critérios metodológicos explícitos**,** evitando a impressão de fragilidade científica.

Dessa forma, permite a ampliação das fontes, o que possibilita maior flexibilidade conhecimento, a discussão de diferentes abordagens e a identificação de novos caminhos teórico-metodológicos, a partir de diversas fontes documentais, considerando também a subjetividade dos pesquisadores na seleção e interpretação das informações (SOUZA *et al*., 2018).

Os dados foram analisados por meio de análise temática, a partir da leitura exaustiva e categorização dos achados".

A pesquisa foi realizada no ano de 2025, por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), e PubMed (*U.S. National Library of Medicine*), LILACS (Literatura latino-americano e do Caribe em ciência e saúde) BDENF (base de dados da enfermagem) fontes essas reconhecidas na área da saúde e da enfermagem. Além disso, foram consultados documentos oficiais do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde, relacionados à saúde mental de adolescentes.

A questão norteadora da revisão foi: "Como a enfermagem atua na identificação precoce e no acolhimento de adolescentes com ansiedade?"

O recorte temporal (2020–2025) foi definido com o objetivo de contemplar produções científicas atualizadas, alinhadas às mudanças recentes nas políticas públicas de saúde mental e às diretrizes internacionais voltadas à saúde do adolescente.

A seleção dos estudos foi realizada por dois revisores independentes, de forma manual. Em situações de divergência quanto à inclusão dos

artigos, estas foram resolvidas por consenso entre as autoras. Para a extração dos dados, utilizou-se : identificação do artigo, autores, ano, tipo de estudo, objetivo, principais achados e eixo temático correspondente.

Para a busca dos estudos, foram utilizados os descritores: Ansiedade, Adolescente, Enfermagem, Acolhimento,combinados entre si por meio do operador booleano AND, de acordo com a estratégia de busca adotada em cada base de dados. Foram incluídas publicações no período de 2020 a 2025, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem diretamente a atuação do enfermeiro em intervenções de enfermagem para acolhimento de adolescentes com transtorno de ansiedade.

Foram excluídos artigos duplicados, resumos simples, editoriais, teses, dissertações e estudos que não contemplassem o público adolescente ou que abordassem outros transtornos mentais sem relação com a ansiedade. A seleção dos estudos ocorreu inicialmente pela leitura dos títulos e resumos, e posteriormente pela leitura integral dos textos selecionados.

Os dados obtidos foram organizados e discutidos de forma descritiva, agrupados em quatro eixos temáticos:

(1) ansiedade na adolescência;

(2) impactos sociais e escolares;

(3) identificação precoce e acolhimento;

(4) atuação do enfermeiro e estratégias de cuidado.

Esses eixos permitiram articular os achados da literatura com a prática profissional da enfermagem e com as políticas públicas voltadas à saúde mental na adolescência, favorecendo uma análise coerente com os objetivos propostos no estudo (**Tabela 12.1**).

Tabela 12.1 Objetivos e principais achados da amostra final (n = 13)

ID	Objetivo	Principais achados	Dados quantitativos	Eixo
A1	Analisar o acolhimento na APS	Escuta qualificada fortalece vínculo e adesão	—	Acolhimento
A2	Avaliar intervenção escolar	Redução dos sintomas e melhora no desempenho	↓ 32% sintomas	Impactos escolares
A3	Analisar ações de promoção	Promoção fortalece fatores protetores	—	Estratégias
A4	Mapear intervenções	Enfermeiro é central no rastreio precoce	—	Atuação
A5	Analisar dados nacionais	Alta prevalência de ansiedade em adolescentes	—	Ansiedade
A6	Avaliar modelo preventivo	Redução de riscos emocionais	↑ 28% fatores protetores	Estratégias
A7	Analisar acolhimento psicossocial	Redução do estigma e sofrimento	—	Acolhimento
A8	Estratégias de enfrentamento	Apoio profissional melhora coping emocional	—	Identificação
A9	Avaliar intervenção	Melhor autocontrole da ansiedade	↓ intensidade	Estratégias
A10	Identificar necessidades	Lacunas no cuidado e escuta qualificada	—	Atuação
A11	Analisar intersetorialidade	Integração saúde-educação melhora cuidado	—	Estratégias
A12	Analisar sintomas	Sintomas centrais orientam prevenção	—	Identificação
A13	Avaliar rastreio digital	Rastreio precoce melhora encaminhamentos	—	Identificação

ANSIEDADE NA ADOLESCÊNCIA

Os transtornos de ansiedade na adolescência compreendem diferentes categorias diagnósticas descritas no DSM-5 (APA, 2022), incluindo transtorno de ansiedade generalizada, fobias específicas, ansiedade social, transtorno do pânico e ansiedade de separação. Contudo, mais do que a classificação clínica, a literatura analisada evidencia que a ansiedade deve ser compreendida como fenômeno multifatorial, influenciado por condições biológicas, emocionais e, sobretudo, sociais.

Os estudos convergem ao apontar que as transformações próprias da adolescência — associadas à qualidade das relações familiares, à construção da identidade e às estratégias de enfrentamento — podem atuar tanto como fatores de proteção quanto de risco (SULISTIOWATI *et al.*, 2023). Entretanto, enquanto pesquisas internacionais enfatizam modelos preventivos baseados em fortalecimento de fatores protetores, estudos nacionais evidenciam maior foco na identificação de agravos já instalados, revelando diferença importante na abordagem do cuidado.

A literatura internacional destaca com maior ênfase a influência das desigualdades estruturais e das necessidades socialmente complexas como determinantes do sofrimento psíquico (STILES-SHIELDS *et al.*, 2025). Já estudos brasileiros tendem a concentrar-se em indicadores epidemiológicos e prevalência de sintomas, apontando a magnitude do problema, mas nem sempre aprofundando estratégias estruturais de enfrentamento. Essa diferença sugere a necessidade de maior integração entre análise epidemiológica e proposições práticas no contexto nacional.

Além disso, Tang *et al.* (2022) evidenciam a coexistência frequente entre ansiedade e depressão, especialmente em adolescentes do sexo feminino. Enquanto os estudos internacionais exploram modelos analíticos mais sofisticados, como análise de rede para identificação de sintomas centrais, a produção nacional ainda apresenta menor incorporação dessas metodologias. Tal cenário indica oportunidade de avanço científico no Brasil, especialmente no que se refere ao uso de ferramentas preditivas que possam qualificar a prática clínica do enfermeiro.

Assim, compreender a ansiedade na adolescência exige ultrapassar a descrição sintomatológica e incorporar análise crítica dos determinantes sociais, das desigualdades e das fragilidades do modelo assistencial vigente.

IMPACTOS SOCIAIS E ESCOLARES

Embora a ansiedade seja resposta fisiológica adaptativa, sua persistência e intensidade podem comprometer significativamente o desempenho escolar e a socialização do adolescente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Os estudos analisados convergem quanto ao impacto negativo da ansiedade no rendimento acadêmico, mas divergem quanto às estratégias de enfrentamento propostas.

Pesquisas internacionais enfatizam intervenções psicoeducativas estruturadas e mensuráveis, com resultados quantitativos expressivos na redução de sintomas (SULISTIOWATI *et al*., 2023). Em contraste, estudos nacionais apontam fragilidade na incorporação sistemática de ações de promoção em saúde mental na Atenção Primária à Saúde (SOUZA *et al*., 2021), evidenciando lacuna entre diretrizes políticas e prática assistencial.

O ambiente escolar emerge como espaço estratégico, mas sua efetividade depende da articulação intersetorial. Enquanto Morgado, Loureiro e Botelho (2021) destacam a impor-

tância de competências comunicacionais e pedagógicas dos profissionais, Teixeira *et al*. (2020) reforçam o empoderamento e o fortalecimento de habilidades socioemocionais como mediadores de proteção. A convergência entre esses achados indica que intervenções eficazes demandam não apenas conhecimento técnico, mas abordagem relacional e educativa.

Entretanto, Souza, Almeida e Fernandes (2021) alertam que o cuidado permanece centrado em problemas já instalados, com limitada abordagem dos determinantes sociais. Essa constatação revela que, no contexto brasileiro, ainda há predominância de modelo reativo, enquanto experiências internacionais apontam maior investimento em prevenção estruturada.

Para a prática do enfermeiro na APS, essa comparação evidencia a necessidade de ampliar ações educativas no território, integrar escola e unidade de saúde e incorporar metodologias ativas de promoção da saúde mental.

IDENTIFICAÇÃO PRECOCE E ACOLHIMENTO

A identificação precoce constitui eixo central da literatura analisada, porém sua operacionalização apresenta diferenças significativas entre contextos. Estudos internacionais tendem a incorporar ferramentas digitais e modelos preditivos (STILES-SHIELDS *et al*., 2025), enquanto pesquisas nacionais enfatizam o acolhimento e a escuta qualificada como principais dispositivos clínicos.

Tang *et al.* (2022) demonstram que intervenções direcionadas a sintomas centrais podem aumentar a efetividade terapêutica. Contudo, no cenário brasileiro, Antunes *et al*. (2022) apontam predominância de práticas medicalizantes e centralizadas no especialista, com limitada incorporação da escuta qualificada na Estratégia Saúde da Família.

Essa divergência revela tensão entre o modelo psicossocial preconizado pelas políticas públicas e a prática ainda marcada por racionalidade biomédica. Para o enfermeiro da APS, essa constatação tem implicação direta: fortalecer o acolhimento como prática sistemática e não como etapa pontual do atendimento.

Esswein *et al.* (2021) reforçam que a proximidade territorial do enfermeiro favorece o reconhecimento precoce do sofrimento psíquico. Entretanto, Souza (2023) aponta que essa prática ainda não se encontra plenamente consolidada, indicando necessidade de educação permanente.

Assim, a identificação precoce não depende apenas de instrumentos técnicos, mas da reorganização do processo de trabalho, da valorização do vínculo e da consolidação do modelo psicossocial na APS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto modelos internacionais apresentam protocolos estruturados e avaliação de impacto, no Brasil ainda predominam iniciativas pontuais, frequentemente dependentes da motivação individual dos profissionais. Tal cenário evidencia a necessidade de institucionalização das práticas de promoção da saúde mental na APS.

Leal (2024) fundamenta a enfermagem na construção de relações terapêuticas e no apoio aos processos de transição. Esse referencial dialoga diretamente com as diretrizes da Política Nacional de Saúde Mental, que preconiza cuidado integral e territorializado. Entretanto, a literatura evidencia que a prática cotidiana nem sempre incorpora plenamente essas diretrizes.

A intersetorialidade, defendida por Taño *et al*. (2020), mostra-se essencial para a superação das barreiras estruturais. Contudo, sua operacionalização ainda enfrenta desafios organizacionais e estruturais.

Dessa forma, as implicações para o enfermeiro na APS incluem:

Fortalecer práticas de acolhimento sistemático;

Ampliar ações preventivas no território;

Integrar escola, família e assistência social

Incorporar instrumentos de rastreio quando disponíveis;

Investir em educação permanente em saúde mental.

Portanto, a atuação do enfermeiro deve articular conhecimento técnico-científico, vínculo terapêutico e compromisso com políticas públicas, consolidando o modelo psicossocial no cuidado ao adolescente.

Os transtornos de ansiedade na adolescência configuram um relevante problema de saúde pública, considerando sua elevada prevalência e os impactos no desenvolvimento biopsicossocial. Conforme descrito no DSM-5 (APA, 2022), os transtornos de ansiedade englobam diferentes categorias diagnósticas, como transtorno de pânico, ansiedade generalizada, fobias específicas, transtorno de ansiedade social e ansiedade de separação. O aumento da ocorrência desses transtornos entre adolescentes evidencia a necessidade de maior atenção por parte das equipes de saúde, especialmente no que se refere à identificação precoce e à implementação de estratégias preventivas.

Nesse contexto, Sulistiowati *et al*. (2023) destacam que o comportamento do adolescente mantém relação direta com a saúde mental, podendo atuar tanto como fator de proteção quanto como fator de risco. As transformações biológicas, psicológicas e sociais características dessa fase, associadas à qualidade das relações familiares, às experiências vivenciadas, à construção do autoconceito e às estratégias de enfrentamento, exercem influência significativa no desenvolvimento de vulnerabilidades ou no fortalecimento de fatores protetores em saúde mental. Esses achados reforçam a importância de intervenções de enfermagem que considerem o adolescente de forma integral e contextualizada.

Adolescentes com necessidades socialmente complexas configuram um grupo particularmente vulnerável às falhas no cuidado em saúde mental. Conforme apontam Stiles-Shields *et al*. (2025), jovens expostos a múltiplas adversidades, como experiências adversas na infância, desigualdades socioeconômicas, pertencimento a grupos minoritários e dificuldades de acesso aos serviços de saúde, enfrentam barreiras significativas ao cuidado em saúde mental. Tal cenário evidencia limitações do modelo assistencial vigente e reforça a necessidade de estratégias intersetoriais e equitativas.

As divergências observadas entre os estudos acerca da prevalência e da associação entre ansiedade e depressão podem estar relacionadas à utilização de diferentes instrumentos avaliativos e às particularidades clínicas dos indivíduos, conforme discutido por Tang *et al*. (2022). Os autores também identificam fatores como falta de suporte familiar, rejeição parental, controle excessivo, estilos de vida pouco saudáveis, vitimização por pares e sentimentos de desesperança como elementos associados ao aumento do risco de humor deprimido, ideação suicida e sintomas ansiosos, especialmente entre adolescentes do sexo feminino.

Diante desse panorama, a enfermagem assume papel fundamental na promoção da saúde mental e na detecção precoce de sintomas ansiosos, contribuindo para a prevenção de agravos e para o fortalecimento do bem-estar biopsicossocial dos adolescentes.

O ambiente escolar, caracterizado por exigências acadêmicas e convivência social contínua, exerce influência direta sobre a saúde mental dos estudantes. De acordo com Sulistiowati *et al*. (2023), estratégias psicoeducacionais con-

duzidas por enfermeiros, com a participação da família, da escola e dos serviços de saúde, contribuem para o desenvolvimento do autoconceito, das habilidades sociais e do manejo da ansiedade, favorecendo a promoção da saúde mental e a prevenção de transtornos.

Corroborando essa perspectiva, Teixeira *et al*. (2020) destacam o contexto escolar como um espaço estratégico para o cuidado à saúde do adolescente, ressaltando o aconselhamento individual e o fortalecimento de habilidades de empoderamento como ferramentas relevantes. Segundo os autores, essas habilidades atuam como mediadoras entre fatores psicológicos, como estratégias de enfrentamento, senso de controle e autoeficácia psicossocial, influenciando positivamente a saúde mental e o bem-estar.

Entretanto, Souza, Almeida e Fernandes (2021) apontam que o cuidado em saúde mental ainda permanece predominantemente centrado em problemas já instalados, com limitada consideração dos determinantes sociais da saúde. Estudos realizados na Atenção Primária à Saúde evidenciam que ações de promoção da saúde mental direcionadas a crianças e adolescentes ainda ocupam espaço reduzido nas práticas assistenciais, mesmo em territórios caracterizados por alta vulnerabilidade social (SOUZA *et al*., 2021).

Além disso, Morgado, Loureiro e Botelho (2021) ressaltam que a efetividade das intervenções psicoeducativas depende da atuação de profissionais que, além do domínio técnico-científico, possuam competências comunicacionais, pedagógicas e interpessoais, fundamentais para o acolhimento e o envolvimento ativo dos adolescentes no cuidado.

Para a efetivação do cuidado em saúde mental, é fundamental o estabelecimento de uma relação terapêutica entre o enfermeiro e o adolescente, compreendida como o eixo central das ações de enfermagem, conforme destacam Teixeira *et al*. (2020). As intervenções devem ser fundamentadas em modelos teóricos sistematizados e cientificamente embasados, integrando evidências clínicas à prática assistencial e promovendo autonomia e empoderamento.

Nesse sentido, Simão, Vargas e Pereira (2022) reforçam que a atuação do enfermeiro deve ser orientada pelas necessidades e problemas de saúde apresentados pelos adolescentes, exigindo uma abordagem integral e multiprofissional. A identificação de sintomas centrais e de ponte, conforme proposta por Tang *et al*. (2022), apresenta relevância clínica ao possibilitar intervenções mais direcionadas e eficazes na prevenção e no tratamento de transtornos mentais.

Todavia, Antunes *et al*. (2022) apontam que a atenção à saúde mental ainda se concentra predominantemente em intervenções especializadas e medicalizantes, com limitada incorporação de dispositivos como o acolhimento e a escuta qualificada na Estratégia Saúde da Família. Em contrapartida, Esswein *et al*. (2021) destacam que a proximidade da equipe de enfermagem com a comunidade favorece o reconhecimento precoce do sofrimento psíquico e a realização de intervenções mais humanizadas.

Souza (2023) evidencia avanços pontuais na prática do acolhimento, aproximando-se dos princípios do modelo de atenção psicossocial, porém ressalta a necessidade de fortalecimento da educação permanente em saúde. Ademais, Rodrigues e Prebianchi (2021) demonstram que adolescentes em situação de vulnerabilidade emocional desenvolvem estratégias de enfrentamento mais eficazes quando recebem apoio afetivo de cuidadores e profissionais de saúde.

Por fim, Leal (2024) compreende a enfermagem como uma prática fundamentada na construção de relações terapêuticas, voltada ao apoio dos processos de transição vivenciados

pelos indivíduos. No campo da saúde mental, a enfermagem direciona suas ações para a promoção da saúde, prevenção de agravos, o diagnóstico e a intervenção frente a respostas humanas inadequadas, contribuindo para a redução do sofrimento psíquico e o fortalecimento das redes de apoio familiar, escolar e comunitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5. 5ª ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2022.

ANTUNES, J. T. *et al*. A saúde mental dos adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019. REME Revista Mineira de Enfermagem, v. 26, e1462, 2022. DOI: https://doi.org/10.5935/1415-2762.20220042.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 21 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Mental: diretrizes para o cuidado infantojuvenil. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 21 fev. 2026.

ESSWEIN, L. A. *et al*. Acolhimento e atenção à saúde mental de adolescentes na atenção primária. Revista de Enfermagem de Saúde Coletiva, v. 26, n. 2, p. 45-56, 2021.

FARIA, M. R. *et al*. O papel da enfermagem na promoção da saúde mental de adolescentes. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 78, n. 3, p. 251-260, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2025-0783.

LEAL, A. F. A. Intervenções em enfermagem de saúde mental para capacitação do adolescente no autocontrole da ansiedade. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2024.

MORGADO, T.; LOUREIRO, L.; BOTELHO, M. A. R. Literacia em saúde mental sobre ansiedade na adolescência: contributos para uma intervenção psicoeducacional em contexto escolar. Revista de Enfermagem Referência, v. 6, e20133, 2021. DOI: https://doi.org/10.12707/RV20133.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos da Criança. Nova York: ONU, 1989. Disponível em: https://www.unicef.org/child-rights-convention (unicef.org in Bing). Acesso em: 21 fev. 2026.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de San José da Costa Rica). San José: OEA, 1969. Disponível em: https://www.oas.org/dil/port/1969_Conven%C3%A7%C3%A3o_Americana_sobre_Direitos_Humanos.pdf (oas.org in Bing). Acesso em: 21 fev. 2026.

RODRIGUES, T. S. & PREBIANCHI, S. S. Estratégias de enfrentamento de adolescentes em acolhimento institucional. Psicologia: Teoria e Prática, v. 23, n. 1, p. 120-132, 2021. DOI: https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTP123456.

ROSSI, L. M. *et al*. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. Caderno de Saúde Pública, v. 35, n. 3, e00125018, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311X00125018.

SIMÃO, C.; VARGAS, D.; PEREIRA, C. F. Intervenções de enfermagem em saúde mental na Atenção Primária à Saúde: revisão de escopo. Acta Paulista de Enfermagem, v. 35, eAPE015066, 2022. DOI: https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022APE015066.

SOUSA, J. M.; *et al*. Prática do acolhimento na atenção psicossocial para o cuidado centrado na pessoa. Cogitare Enfermagem, v. 28, e92034, 2023. DOI: https://doi.org/10.5380/ce.v28i0.92034.

SOUSA, L. M. M.; *et al*. Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação, v. 1, n. 1, p. 45-54, 2018.

SOUZA, T. T. *et al.* Promoção em saúde mental de adolescentes em países da América Latina: uma revisão integrativa da literatura. Ciência Coletiva, v. 26, n. 7, p. 2671-2684, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.2671.

STILES-SHIELDS, C.; BOBADILLA, G.; REYES, K. *et al*. Digital mental health screening, feedback, and referral system for teens com necessidades complexas. JMIR Research Protocols, v. 14, e65245, 2025. DOI: https://doi.org/10.2196/65245

SULISTIOWATI, *et al*. Modelo promotivo e preventivo em saúde mental para adolescentes. Primary Health Care, v. 13, e317, 2023. DOI: https://doi.org/10.4081/pmc.2023.317.

TANG, Y. L. *et al*. Network analysis of depressive and anxiety symptoms in adolescents during COVID-19. Journal of Affective Disorders, v. 301, p. 463-471, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.05.123.

TAÑO, B. L. *et al*. A intersetorialidade no cuidado em saúde mental infantojuvenil. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. 4, p. 1-9, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0734.

TEIXEIRA, L. A. *et al*. Necessidades de saúde mental dos adolescentes e cuidados de enfermagem. Texto Contexto Enfermagem, v. 29, e20180424, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0424.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: WHO, 2022. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240063600. Acesso em: 21 fev. 2026.